

Indignados contra o aumento das tarifas de transporte

São Paulo, Goiânia, Natal, Rio de Janeiro...
atos radicalizados se espalham pelo país

Manoel Iraola

PSOL - São José dos Campos / SP

A luta contra o aumento das tarifas, que levou milhares de jovens e trabalhadores às ruas de Porto Alegre e conquistou a redução das passagens está incentivando mais e mais lutas no país.

Esta batalha ganhou proporções nacionais com grandes passeatas acontecendo em São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia (GO) e Natal (RN). Milhares de manifestantes, a maioria jovens, saíram às ruas revoltados com os aumentos dos preços das passagens de ônibus, metrô e trens, e houve fortes confrontos com a polícia. Já são dezenas de cidades como Vitória e na Grande São Paulo, onde

houve manifestações nos últimos meses.

Em São Paulo, as manifestações aglutinaram mais de cinco mil pessoas e o movimento ameaça se estender e radicalizar. Entretanto, a mídia tenta distorcer a verdadeira violência e não cansa de chamar os manifestantes de vândalos.

No Rio de Janeiro, a manifestação contou com mil pessoas e muita truculência da polícia de Sérgio Cabral. Foram 34 pessoas presas, incluindo 9 menores de idade. A polícia saiu caçando nos becos os manifestantes e espancando e prendendo até quem não estava na passeata,

demonstrando como esta "preparada" para atuar nos grandes eventos.

Em Goiás, o prefeito implantou o bilhete único permitindo fazer até três embarques com a mesma passagem num período de três horas, para tentar acalmar as radicalizadas mobilizações. Fruto da mobilização, a Justiça acaba de decretar a redução da tarifa de ônibus da Região Metropolitana de Goiânia para R\$ 2,70, que havia aumentado para R\$ 3,00. E em caso de descumprimento a Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos (CMTC) terá que pagar multa diária de R\$ 100 mil



Manifestação em São Paulo contra o aumento das tarifas



PH Lima, militante da CST - PSOL é detido durante repressão policial desproporcional

O governo Dilma, com a alta da inflação e prevendo explosões sociais, inicialmente negocou o adiamento do aumento da passagem em cidades importantes, contudo, isso não impediu os violentos confrontos de São Paulo, por exemplo. A segunda medida foi a diminuição dos impostos,

em particular o PIS e COFINS para as empresas, que resultou na redução de míseros 10 centavos na tarifa em algumas cidades, fato que está indignando a população tanto quanto o próprio aumento.

No país inteiro estão sendo coordenados atos simultâneos.

Metroviários derrotam Alckmin na campanha salarial

Alckmin e Haddad: Robin Wood às avessas

O Sindicato dos Metroviários publicou estudo provando que em 1995, a passagem do metrô custava R\$ 0,80, se fosse corrigida pela inflação teria que custar hoje R\$ 1,97 e não R\$ 3,20. Os usuários do metrô estão sendo lesados em R\$ 1,23 em cada viagem. Já a tarifa do ônibus era de R\$ 0,50 em 1994 e deveria custar R\$ 1,71. A prefeitura de São Paulo e as empresas de ônibus embolsam R\$ 1,49 extra por passagem. Por outro lado, os subsídios na tarifa de ônibus na prefeitura de SP somam mais de R\$ 1 bilhão,

dinheiro público cedido aos empresários para evitar maiores aumentos de tarifa. Isso sim é uma violência contra o bolso da população e seu nível de vida. Haddad, Alckmin e os empresários roubam bilhões dos bolsos dos trabalhadores e dos estudantes. De nossa parte continuaremos apoiando a luta dos trabalhadores e jovens que querem a redução das tarifas e a instalação do passe livre para estudantes e desempregados.

Presidente da empresa é demitido após Acordo

Os metroviários de São Paulo acabam de fechar Acordo

com 8% de reajuste salarial (2,5% acima da inflação), 13,62% na cesta básica, 11,51% no vale refeição, 8% na Participação nos Resultados e eliminação da ameaça de aumentar a jornada de trabalho em uma hora. Também foram conquistados itens importantes para diversos setores. Nas rodadas de negociações com a empresa envolveram-se mais de 200 companheiros. Aconteceram assembleias que pararam os setores por uma hora em diferentes dias e horários, atos públicos, não uso de uniformes, uso de colete contra o aumento das passagens e assembleias que

lotaram o Sindicato. Houve atos e panfletos unificados com as estatais em campanha como Sabesp Eletricitários.

Apoiou-se a luta das categorias em greve: professores e saúde. A categoria radicalizada se preparou para a greve no dia 28/05, mas o governo Alckmin recuou, chamou a negociação e cedeu parte das reivindicações. A mobilização, combinada com a política de unificação, pressionou o governo e levou à queda de Peter Walker, presidente do Metrô, que foi obrigado a ceder aos trabalhadores, fato que resultou na sua demissão.



Alex, do Sindicato dos Metroviários de São Paulo e dirigente da Unidos pra Lutar